Explicação das sagradas escrituras na liturgia: a utilização de uma linguagem popular por um homiliasta e sua recepção em uma comunidade periférica

Rodrigo Rios Batista[1]

Resumo

Este escrito pretende expor alguns apontamentos sobre a utilização de uma linguagem popular durante homilias, direcionadas a participantes de uma comunidade periférica no estado de Alagoas. A homília é o ambiente litúrgico propício para a explicação das Sagradas Escrituras proclamadas na Celebração Eucarística, contextualizando-as com a realidade. Em virtude dos destinatários, a linguagem se adapta ao contexto local. Para se verificar a boa recepção da homilia com uma linguagem informal, aplicou-se um breve questionário, ratificando a compreensão facilitada das leituras bíblicas dos membros da comunidade nas celebrações.

Palavras-chave: Linguagem popular. Bíblia. Homilia.

Introdução

Toda Celebração Eucarística possui em sua estrutura a Liturgia da Palavra que propõe um momento para a leitura de perícopes escolhidas pela Igreja, seja durante os dias festivos ou feriais. Após a proclamação do Evangelho, dá-se prosseguimento com a homilia, sendo esta a ambiência litúrgica propícia para a explicação das Sagradas Escrituras propostas. Como então alcançar os presentes de forma que compreendam satisfatoriamente os textos bíblicos? E se for um público em uma realidade periférica, possuindo inclusive analfabetos, como atingi-lo totalmente?

O homiliasta não pode prescindir das leituras proclamadas para compor seu sermão. Em cada pregação, a Igreja orienta que mesmo havendo uma preocupação com tantas realidades circunstanciais à volta, faz-se mister olhar para elas à base

[1] Bacharel em Teologia, Mestrando em Teologia pela UNICAP, Mestre em Comunicação Institucional pela PUSC Roma; ID Lattes 6542842913733957; riosbatista@yahoo.com.br.

do que é proposto no calendário litúrgico. Então, seria imprescindível explicar as Sagradas Escrituras em toda homilia, a não ser que a mesma não seja feita.

Segundo o Diretório Homilético, publicado pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, existem quatros temas, ou poder-se-ia dizer, quatro diretrizes constitutivas fundamentais, que compõem a homilia desejada pelo Concílio Vaticano II. São estes:

> O primeiro é naturalmente o lugar da Palavra de Deus na celebração litúrgica e o que isto significa para a função da homilia (cf. SC 24, 35, 52, 56). O segundo concerne os princípios de interpretação bíblica católica enunciados pelo Concílio, que encontram uma particular expressão na homilia litúrgica (cf. DV 9-13, 21). O terceiro aspecto se refere às consequências desta compreensão da Bíblia e da liturgia para o pregador mesmo, o qual deve modelá-la não apenas à sua abordagem ao preparar a homilia, mas também a sua inteira vida espiritual (cf. DV 25, *Presbyterorum ordinis* 4, 18). Por fim, o quarto aspecto se refere às necessidades daqueles a quem se dirige a pregação da Igreja, as suas culturas e situações de vida, também estas determinantes da forma da homilia, pois esta tem a função de converter a existência ao Evangelho de quem a escuta (cf. Ad gentes 6). (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2015, p.15)

Diante dessas diretrizes propostas, o primeiro e o último ponto destacam-se para a proposta do presente estudo. O primeiro tema aborda sobre o lugar da Palavra de Deus na homilia, em um contexto litúrgico. Quem participa das Celebrações Eucarísticas já deve ter visto alguma pregação sem a presença de elementos das Sagradas Escrituras, mesmo sendo realizada após a proclamação destas no ambão. A Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos procura de forma exaustiva corrigir essa situação, à medida em que insiste várias vezes sobre a importância de se explicar as perícopes na Missa. Assim, essa primeira diretriz é mais voltada ao homiliasta.

O quarto tema é voltado ao público ouvinte. Fala-se sobre as necessidades do mesmo, levando em consideração sua cultura e situações da vida. É uma preocupação em relação a quem escuta, pois dependendo da região onde está, haverá elementos heterogêneos que devem ser contemplados ao realizar a pregação.

Este é o caso de qualquer comunidade localizada em uma região periférica. Como deveria ser a homilia em um lugar assim? Quais os elementos a serem tomados em relevância para comentar as Sagradas Escrituras? A preparação da homilia torna-se um desafio, pois deve estar adequada à realidade da Assembleia.

Utilização de uma linguagem popular

A Leitura Popular da Bíblia propõe uma forma de ler as sagradas escrituras a partir do povo, em um modo conjuntural. Para Carlos Mesters e Francisco Orofino, essa novidade faz uma interpretação diferenciada, afirmando que o importante "é que cresça e se desenvolva esta planta nova da Leitura Popular da Bíblia; que cresçam o novo sujeito, o novo objetivo, o novo contexto, o novo olhar, a nova consciência de pertença e responsabilidade" (MESTERS, OROFINO, 2006, p. 12). Assim, este método procura um novo modo de o povo interagir com as Sagradas Escrituras. Uma das possibilidades desse novo relacionamento é, dentro da Celebração Eucarística, tornar acessível a explicação das Sagradas Escrituras, a partir de uma linguagem condizente com a realidade local. Seria uma chave de proximidade e compreensão.

Carlos Mesters, ao falar sobre o problema da linguagem, faz uma crítica:

> "É muito mais sério do que se pensa. A linguagem pode ser meio de comunicação e interruptor da comunicação (...) Certo tipo de linguagem, mesmo semeada no povo, nada produz; a terra não dá, a visão é outra. O camponês conhece a terra. Quem conhece a terra humana, para saber se a sua linguagem pode dar fruto nela?" (MESTERS, 1983, p. 169-170).

Diante do questionamento, ainda se referindo ao camponês, Mesters apresenta uma solução que serve como orientação para o presente escrito:

> "Só mesmo a convivência é que o ensina; uma longa convivência. (...) Nossa linguagem vem de fora, não nasceu de dentro do povo. Por isso, a visão que nela se exprime, com os seus conceitos não é assimilada por ele (...). É urgente escutar e tentar captar a maneira como o povo se expressa e como ele verbaliza as coisas da fé" (MESTERS, 1983, p, p. 170).

Como então captar a maneira do povo se expressar, para relacionar-se com ele mais estreitamente? A convivência seria uma forma de fazer com que a linguagem se tornasse inteligível ao destinatário, pois a partir dela é possível assimilar as formas como o povo na região se comunica, bem como compreender mais e mais os contextos socioculturais ali existentes.

Em uma comunidade de periferia, com dificuldades de suprimento das necessidades básicas, a linguagem informal seria a chave para tornar a homília acessível. De acordo com a psicolinguista Susan Moore Ervin-Tripp, a forma da linguagem possui contextos que a norteiam, devendo estes ser levados em considerações, por isso "descreve a formalidade/informalidade como uma variável situacional, demarcada em função do grau de seriedade ou de intimidade admitido em cada situação social". (apud OLIVEIRA, 1997, p. 23)

Este tipo de linguajar não significa a utilização de expressões consideradas vulgares. A informalidade está associada a um vocabulário do povo, enquanto uma linguagem considerada culta não seria apreensível ao mesmo. Utilizar termos técnicos da área da teologia dificultaria o processo de comunicação entre o homiliasta e os fiéis presentes no ato litúrgico. Linguagem popular significa um esforço por quem profere o sermão de utilizar-se de um código de expressões em que o povo mais simples chegue a um melhor entendimento diante do exposto.

Quais seriam as características deste tipo de sistema de sinais? Ele é mais espontâneo; surge como uma conversa entre amigos, e por isso representa mais proximidade; apropria-se de expressões próprias da oralidade não-culta utilizada no cotidiano das pessoas e evita expressões técnicas. Há outros atributos, porém, estes se tornam a base para compreender o necessário desse tipo de linguagem nas explicações dos textos sagrados.

Para corroborar a força da linguagem informal nas explicações das Sagradas Escrituras dentro de uma Celebração Eucarística, foi-se realizado um breve questionário aplicado a uma comunidade periférica, localizada no Conjunto Lucila Toledo, no bairro Cidade Universitária, na cidade de Maceió, em Alagoas.

O bairro é um dos maiores em extensão territorial da capital e surgiu na década de 1950 em função da criação do Hospital Universitário, ligado à Universidade Federal de Alagoas. Ele está configurado em vários conjuntos

habitacionais, entre eles, o Conjunto Lucila Toledo. A diferença deste é que o mesmo está localizado em uma região de posse, construído de forma não projetada, a partir de invasões de terrenos, onde não há registro documental e consequentemente a prefeitura não regularizou sua situação. Em sua posição geográfica, o conjunto faz fronteira ao sul com o Complexo Prisional de Maceió. Diversos moradores relatam que já tiveram contato com presos fugitivos, bem como possuem parentes que estão encarcerados. O conjunto é dominado pelo grupo Comando Vermelho, e possui tráfico de drogas. Faltam, portanto, saneamento, segurança, transporte público de qualidade, projetos de assistência social, posto de saúde e várias outras ações sociais.

Neste conjunto se encontra a Comunidade Nossa Senhora das Dores, pertencente à Paróquia N. Sra. Aparecida. Seus participantes, em sua maioria, são residentes do Conjunto Lucila Toledo, mas existem outros poucos que vêm das adjacências.

Para uma coleta de dados, foi-se aplicado um questionário aos membros desta Comunidade, perfazendo o total de 79 respostas, o que equivaleria a 92,94% dos participantes assíduos. A seguir, as perguntas com suas respostas:

1 - Você compreende as explicações das leituras bíblicas durante a homilia nas Missas? Sim = 96,2%; Não = 3,8%.

2 - Alguma vez você não entendeu uma passagem bíblica e quando o padre explicou na homilia passou a compreender? Sim = 93,6%; Não = 6,4%.

3 - O que você gosta quando o padre faz na homilia? (pode assinalar até 3 opções abaixo)

a) Usa exemplos do dia a dia, da nossa comunidade = 73,1%;

b) Conta algo engraçado = 59%;

c) Faz comparações que ajudam a compreender melhor o tema = 87,2%.

4 - Em sua opinião, o padre precisa ainda falar de forma mais fácil para você compreender a homilia?

Sim, a linguagem dele precisa ser mais acessível = 3,8%.

Não, ele já fala fácil e eu compreendo bem = 96,2%.

Considerações finais

A utilização de uma linguagem popular foi a opção escolhida pelo Administrador Paroquial[2] da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, ao realizar as homilias na Comunidade de Nossa Senhora das Dores, em virtude da situação social ali existente. As respostas ratificam que os membros da referida Comunidade se sentem contemplados com a pedagogia proposta para as explicações das leituras bíblicas.

Chama a atenção nas respostas que na pergunta de número três, a grande maioria assinalou que acha positivo utilizar comparações para ajudar melhor a compreender a temática, e também dispor de exemplos retirados do dia a dia, da comunidade. É a possibilidade de traduzir coloquialmente o que é dito nas Escrituras.

Ao final, entende-se que a Comunidade está satisfeita com a linguagem do homiliasta, pelo fato de ser próxima à realidade em que está inserida. Mesmo que o pregador não seja da circunscrição social da localidade, o essencial para que houvesse uma expressividade coerente com a Comunidade foi a convivência, fazendo com que houvesse uma assimilação de códigos e condutas determinantes para uma comunicação profícua. Isto faz com que a relação com as Sagradas Escrituras seja de intimidade, permitindo assim o êxito do proposto na homilia. A fala é adaptada à situação e por isso se torna capaz de atingir seu objetivo.

Por conseguinte, é deveras interessante direcionar mais e mais o olhar para a linguagem e adaptá-la à realidade sociocultural existente quando há uma responsabilidade de se explanar textos sagrados. A partir do questionário supracitado, foi possível compreender que uma comunidade periférica alcança as explicações das Sagradas Escrituras se a linguagem for adequada a ela. Basear-se em elementos de análise sociocultural torna possível tomar decisões sobre como adaptar melhor a fala ao que se é proposto à frente. Isso permite ao povo ir além, pois seria como estar com o mesmo para falar a ele mais assertivamente.

[2] O responsável da referida Paróquia é o próprio autor deste escrito.

Referências

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Diretório Homilético**. São Paulo: Paulus, 2015.

MESTERS, Carlos. **Flor sem defesa: uma explicação da Bíblia a partir do povo**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. **O Caminho por onde caminhamos: reflexões sobre o método de interpretação da Bíblia**. São Leopoldo: CEBI, 2006.

OLIVEIRA, Cibele Brandão de. **Do Discurso Formal para o Informal: Um Estudo de Variação Estilística no Meio Acadêmico**. Dissertação de Mestrado. Brasília: UNB, 1997